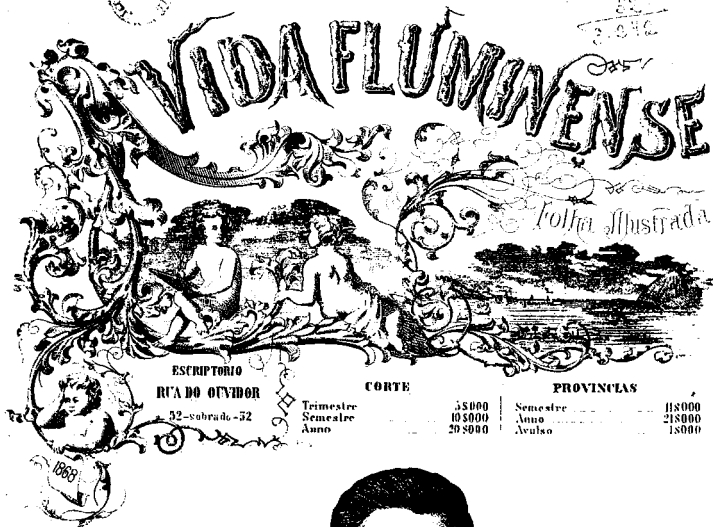


ANNO 4

SABADO 4 DE MARÇO DE 1871



N. 166



ESCRITORIO
RUA DO OLVIDOR

32-cobrado-32

CORTE

Trimestre
Semestre
Anno

5\$000
10\$000
20\$000

PROVINCAS

Semestre
Anno
Avulso

11\$000
21\$000
1\$000



Os Fazendeiros notaveis
O Comm.^o José Pereira de Faro
(vide o tracto)

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 4 de Março de 1871.

Deu-se ha oito dias na *Phenix Drammatica* um facto inteiramente novo nos annos da scena brasileira.

Representava-se, em primeira recita, o drama — *O Condemnado*, ultimamente escripto pelo litterato portuguez Camillo Castello Branco, e por elle dedicado ao seu amigo Vieira de Castro.

Logo ao escurecer começou a affluir o povo, e antes das 8 horas já era tal o aperto, que com difficuldade podia qualquer pessoa conseguir uma cadeira em que se sentasse.

Quando levantou-se o primo a enchente era real.

Começou a representação, porém, logo nas primeiras scenas, nas primeiras palavras mesmo, pateteou-se o descontentamento da platáa, a principio como um simples sussurro, depois com protestos em altas vozes, e finalmente com uma patada tremenda, tal tremenda como não ha memoria nos nossos theatros.

Nas cadeiras, nas gornas, nos corredores, nas galerias e até nos camarotes, em todos os lugares, em somma em que estavam os espectadores, não faltou quem tomasse parte mais ou menos activa na reprobacao.

Por tal fôrma subiu de ponto o barulho que a autoridade policial viu-se na contingencia, não só de prohibir a continuação do espectáculo, mas até de ordenar que a peça fosse desde logo retirada de scena, com o que mostrou-se satisfeito o publico.

O empresario da *Phenix Drammatica*, crêmos, não recebeu com as mesmas demonstrações de jubilo uma tal imposição policial.

O facto parece alguns commentarios. Fal-os-hemos nas linhas que se seguem.

Ninguém ignora, e temos prazer em reconhecer aqui, que aos espectadores assiste, em sua maxima plenitude, o direito de patear uma peça que lhe não agrade.

Duas são, porém, as causas que, em geral, podem motivar uma reprobacao por parte do publico, a saber:

1.º Os senões litterarios do trabalho dramatico ou comico, que se lhe apresenta.

2.º Sua má interpretação artistica.

No *Condemnado*, porém, nenhuma dessas duas causas actua no espirito dos que pateavam.

Ninguém desconhece a pureza de linguagem e as bellezas de estilo da ultima produção do talentoso Camillo Castello Branco.

Ninguém tambem desconhece os esforços, evitados pelos artistas da rua da Ajuda, para desempenharem satisfactoriamente o drama, que um meuzinho merecera os maiores encomios da critica lisboense.

Porque, então, desencadenaram-se tão terribes sobre o *Condemnado* as iras de uma platée inteira, platée selecta, composta, por assim dizer, da nata da nossa mocidade intelligente e estudiosa?

Porque?

Porque o assumpto da peça é a copia fiel de um triste acontecimento ainda muito recente, que affecção dolorosamente uma familia, cuja dor devemos todos respeitar!

Porque é um punhal, herado de calunnia, que se revolve na ferida ainda aberta no coração de uma infeliz mãe!

Porque no *Condemnado* o palco scenico transformase em sala de jury, porem de jury excepcional, anormal, barbaro, em que a victima não acha uma voz que se levante para defendê-la, em que todos os elogios são para o marido que mata, todos os vituperios para a mulher que morre!

Porque, enfim, Camillo Castello Branco não escreve um drama, mas apenas um *libello accusatorio* contra a virtude da esposa assassinada!

Teve, portanto, sobre a razão o publico em protestar solemnemente, como protestou, contra a representação do *Condemnado*, não servindo de desculpa nem ao autor, nem ao empresario da *Phenix*, nem ao *Conservatorio Drammatico Brasileiro* o passar-se a acção do drama ha vinte annos.

Se bem que não venham citados nem uma só vez os verdadeiros nomes dos dois personagens, as allusões são por demais transparentes para deixarem a menor duvida sobre a intenção do autor.

E se tudo isso não bastasse, ali está faltando bem alto a carta, que precede o drama, e que é dirigida a Vieira de Castro. Nella Camillo Castello Branco desahvia a censura.

Mas se, por um lado, é verdade que o publico tem o direito de patear, não é menos verdade, por outro lado, que os empresarios tem tambem o direito de propriedade sobre as peças que ensaiam e põe em scena com grandes sacrificios pecuniarios, e que á ninguém deve ser facultada a liberdade de attentar contra essa propriedade, quando os empresarios, na escolha das peças de que lançam mão, satisfazem todos os preceitos da lei, como se deu no caso corrente.

O Sr. Jacintho Heller poz em ensaios um drama approvado pelo *Conservatorio Drammatico* e com o visto da policia. Despendeu com os ensaios e mise en scene muitas centenas de mil reis. E quando ia começar a auferir as vantagens do seu trabalho e do seu capital empregado, recebeu a intimação de retirar de scena a peça, intimação que lhe foi feita por aquelles mesmos que a approvaram!

O conservatorio confessa que leu a *cochilar* o drama em questão, e a policia declarou sem rebuço que poz o visto *sem H-o*!

Mas quem soffre as consequencias destas duas levandades é o empresario da *Phenix*, que foi entretanto o unico que não *rechilou*.

Era preciso que tivesse nascido o *Conservatorio Drammatico Brasileiro* para dar-se o que se deu.

Á vista do encarniçamento com que se atiraram

todos sobre o *Condemnado* acho acertado chamal-o de ora avante *O Cão danado*.

Não lhes parece?

E não peço alvitação pelo achado.

Eu cá sou assim.

A. DE C.

—*—*—*—

Os fazendeiros notáveis

I

JOSÉ PEREIRA DE FARO

Nas margens do rio Parahyba, nos municípios de Valença e Vassouras, acham-se situadas as vastas propriedades rurais do commendador José Pereira de Faro, cujo retrato vai estampado no rosto da nossa folha de hoje.

Cavalheiro distincto e intelligente, revelam suas maneiras, logo à primeira vista, a educação primorosa que recebeu n'um dos melhores collegios da Europa; e que elle olhar vivo e penetrante, e a energia do seu caracter bem mostram que os ares da corte não lhe affeminaram a alma.

Efectivamente assim devia ser para quem possui propriedades tão vastas e importantes, como as de *Sant'Anna, Alhazga, Mont'alegre e Ibicaba*, onde a plantação sobe a mais de quatro milhoes de pés de café, cultivados por cerca de mil captivos, e onde a ordem dos trabalhos e a superioridade dos productos aboam o tino administrativo do seu proprietario.

Quanto a mim, nas emprezas rurais especialmente, o tino administrativo é a principal qualidade do agricultor. Sem elle toda a theoria, embora perfeitamente combinada, apresenta resultados negativos quando levada á pratica: sem elle, e sem essa facilidade de prever o mal para remedial-o a tempo, não ha lavoura que apresente resultados progressivos e satisfactorios. Fazer convergir todas as forças productivas para um fim positivo, tal é, na opinião dos homens authorisados, o segredo em que o agricultor deve iniciar-se para obter as vantagens que a terra jamais recusa a quem sabe amanha-l-o intelligentemente.

Visitando qualquer das fazendas do commendador Faro a administração intelligente revela-se a cada passo.

As plantações são tratadas com o esmero preciso; os generos beneficiados de sorte a merecerem mais 10%, quando dessem no mercado, e a escravatura, toda nedia e contente, presta-se ao serviço com a dedicação, que o escravo não está longe de sentir, quando regido por um regulamento onde as leis da religião, da humanidade, e da hygiene são attendidas na sua maior plenitude.

Embora o café constitua o principal elemento das colheitas do commendador Faro, embora elle deya á superioridade desse genero a grande medalha de ouro, que lhe foi conferida na exposição de 1881; não desconhece, entretanto, o fazendeiro de que se occupa este artigo, a necessidade de plantar feijão, arroz, canna, milho e mandioca em escala precisa não só a

alimentar o seu enorme pessoal, como a abastecer por vezes o nosso mercado.

Além disso, nas suas propriedades, encontra-se uma infinidade de melhoramentos que recommendam o commendador Faro como industrial, que preza o progresso do seu paiz, honra a sua patria, e respeita as tradições de sua familia. Por exemplo: tudo quanto é tendente a evitar o emprego de braços, de que tanta falta ha no paiz, tem sido attendido; e o beneficio de seus cafés, sempre avidamente procurados pelos exportadores, deve-se ao emprego intelligente das machinas de *Lidgerood*, cujas vantagens são hoje proclamadas por quantos dellas se servem.

José Pereira Faro não tem feito grandes tentativas sobre colonisação, mas não recusa terras ao homem trabalhador que vao pedir-lh'as. Nas suas fazendas encontram-se associados livres, que trabalham de parceria, cujo numero é talvez superior a cem.

Para terminar:

O retrato que orná a primeira pagina do nosso semanario, é o do homem que ama o trabalho, e só no trabalho vê o meio de garantir a seus filhos um nome honrado desde o primeiro Imperio.

A sua mão não está calosa pela rubrica do arado que abre os sulcos de agrestes terrenos; mas na expressão de sua physiognomia revela-se o trabalho incessante de um tumultuar de pensamentos que por toda a parte e em todos os lugares a companhia aquelles que tomam sobre si o pesado encargo de administrar propriedades importantes, attendendo zelosamente aos melhoramentos que mais convém adoptar, e ao desenvolvimento de idéas novas, que embora condemnadas pela *rouina*, apresentam resultados vantajosos se a intelligencia e perseverança as seguem de perto na sua applicação.

O proverbio — *muito trabalha quem manda* — tem um fundo de verdade que só pôde ser apreciado por aquelles que assumem a responsabilidade moral dos differentes e complicados ramos de qualquer administração. Relativamente á agricultura, é de inteira justica confessar que a poucos cabe tão bem o proverbio como ao commendador Faro, que, graças á sua intelligencia, perseverança, e amor ao progresso tem sabido illustrar-se a si, e aos seus.

A. OR A.

—*—*—*—

O Juiz Municipal Miguel José Tavares

I

Um caracter energico é cousa não vulgar mas não nos enthusiasma; a energia, de ordinario, realisa fins sem escolha de meios: realisa tudo com sacrificio de tudo. Os caracteres energicos estragam o futuro na destruição do mal presente; e o povo propenso aos factos não enxerga o abysmo que estes homens de acção vão cavando na pureza dos principios, que devem conservar intactos fora da lei das conveniências.

A energia não nos inspira, o menor enthusiasmo.



Ernesto A. da Costa e Couto.
distinto pianista.
com 6 annos apenas!



O tribunal da 1.^a Inquisição dramática ordena ao empregario da Phenix que execute quanto antes o Condenado.

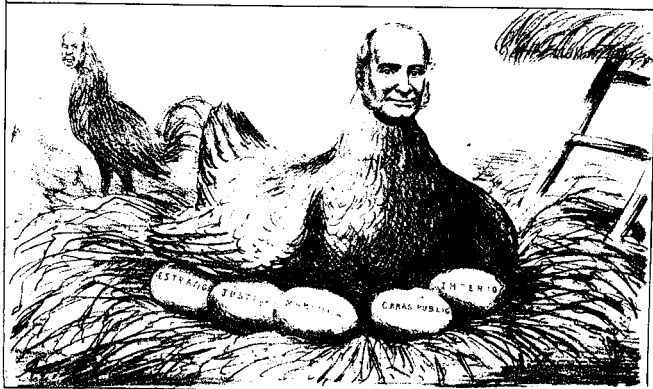


O publico tornou tanto a peito
a ordem do infallivel tribunal.

Epilogo do drama
Empregario. — Eu que contava com tantas
enchentes, sem me lembrar que um
condenado só pode ser executado uma vez!
Tribunal. — Que fiasco fizemos! A primeira
sentença litteraria que proferimos... foi de morte!



A nova Hydra de Lerne
ou auspicioso futuro do Imperio Allemão.



?

.....

Situações politica desta semana.

mo: — quasi sempre a temos visto caminhar a par da leviandade, embora por causa della muita gente haja obtido foros de grandes administradores.

O acaso tem tambem seu quinhão na escala do merecimento.

Mas o acaso e a energia dão factos, e nós queremos actos que revelem um pensamento nobre, grande e previdente.

II

O mago generoso de um pensamento elevado que examina o facto e calcula o direito, é o característico desse acontecimento que se destaca no meio das vulgaridades de uma sociedade anã, mesquinha, egoista e taculha contemplando, impassível, os horrores da prostituição-escrava, sem erguer a voz contra o abuso que a permitta.

Um homem energico, sem tirar nem guar-te, podia, armado do poder policial acabar com semelhante escandalo.

Era uma medida regulamentar e nada mais: o principio ficava em pé, e amanhá o direito de propriedade arvorava de novo o estandarte da prostituição, e os especuladores sem fé nem temor continuavam a explorar, na vida plastica da escrava, os juros compostos e a decupla amortisação do capital empregado.

Foi nestas circumstancias que o Dr. Miguel José Tavares poz termo ao abuso desse direito de propriedade tantas vezes invocado, quantas mystificado.

III

O Dr. Miguel José Tavares não é o homem da energia, mas é o homem da calma e da coragem reflectida. Veado de um lado o escandalo da prostituição encabeçada na legitimidade de uma industria livre, de outro lado o direito de propriedade protegido pelas tradições de rugosas frentes encanecidas no manusear *in folios* de um direito do tempo de Augusto ou de Theodosio, já hoje carcomido pelas conquistas da civilisação, que ve dilatando o civilismo a todas as classes da sociedade. — O Dr. Miguel Tavares, com a prudencia necessaria, estudou as bases do direito, e nos julgados analogicos dos tribunes superiores do paiz exhumou o direito de *curatella*, para de uma vez limitar esse direito de propriedade, e pôr para todo o sempre ao abrigo da mercancia escandalosa o pudor natural da mulher que, escrava, livre ou liberta tem um arbitrio natural e inalienavel que todas as combinações do direito civil não podem usurpar, por isso que a natureza repelle-as e a moral condemna-as.

IV.

O juiz municipal, nomeando curadores a essas machinas de prostituição que eixamavam as colmeas das abelhas mestras, arrancou os ferros aos zanganos que, envergando saia ou casaca, zumbem por ahí contra a medida, a que chamam arbitraria, e de balde formam conloios para desprestigiar um juiz que por amor de um principio santo e eterno quer estabelecer a verdadeira e unica interpretação juridica do direito da propriedade regida pelas leis da moral e da religião.

E entretanto o Dr. Miguel Tavares apenas exige o julgamento entre a accusação, feita pelo curador da victima e a defesa do alioz. Respeitando a propriedade, proceda conforme o direito; procura a innocencia e só encontra delictos! Não abre os postigos falsos de uma vida intima para vir syndicar de uma industria immoral, que se diz ao abrigo da constituição, limita-se a estabelecer a *curatella* e a apreciar os monstruosos relatorios de tão infando trafico.

V.

Tão joven ainda o Dr. Miguel Tavares é já velho na prudencia.

Para realizar um fim basta um pouco de energia mas escolher o meio que concilie a realisacão do fim com a salvaguarda de um principio constitucional é o que caracteriza a habilidade de um estadista.

Ninguém, afontamento o dizemos, ninguém conseguiu jamais tanto em tão pouco tempo. Elle, unicamente elle, não como authoridade policial, mas como juiz recto e inabalavel, não só exterminou um escandalo injustificavel mas estabeleceu os limites do direito de propriedade regendo-o pelas leis da moral e da humanidade.

Além disso, provocou a manumissão de mais de cem desgraçadas que se enlameavam no vicio para ajazar as berlinhas de seus senhores e alimentar a crapula da devassidão.

Se um magistrado por este acto não merece *in continenti* a consideração dos poderes do Estado, não lhe negue, ao menos, a imprensa justa e imparcial o quinhão de gloria a que elle tem direito pelo seu muito amor á sociedade, á moral, á religião e á humanidade.

O nome do Dr. Miguel Tavares, embora execrado hoje por todos os escravocratas-especuladores, será sempre acatado pelos abolicionistas, e abençoado por todos quantos amam Deus, a patria, e a liberdade.

J. R. M..

Ernesto Rossi

ESBOÇO BIOGRAPHICO

(Continuação)

O pouco acolhimento que tiveram seus ensaios na arte dramatica, o sarcasmo dos companheiros, a miseria que a cada passo se lhe antolhava medonha, e outras tantas contrariedades a que o estreante está sujeito, não tiveram força para demover Ernesto Rossi do fim a que se propuzera.

Ad contrario, cada vez mais convencido de que não errara o caminho, abandonou elle os companheiros, que tanto haviam procurado esmagar-lhe a vocação, e entrou para a companhia de outros que trabalhavam em alguns theatros de Italia com geral acceitação.

Denominava-se esta companhia — *Calloud, Fusani e Marchi* — e dirigia-se então para Genova, onde a chamava vantajoso contracto.

Foi naquella cidade que Ernesto Rossi viu pela primeira vez Gustavo Modena!

Vê-lo, admirador-o e dirigir-se a elle com a submissão do discípulo, que encontra afinal o mestre capaz de guiar-lhe os passos e inicial-o nesses mil segredos da arte, que, uma vez sabidos, fazem do artista um semi-deus, foi tudo obra de um instante.

Foi lisongeiro o acolhimento feito pelo grande artista ao herde de este esboço biographico. Gustavo Modena não só lhe prognosticou os triumphos que o aguardavam, como se propoz a ensinar-lhe tudo quanto pôde ensinar-se a um discípulo predilecto.

Rossi escutou com avidez os conselhos do grande mestre, procurou imitar pouco a pouco o modelo grandioso que a fortuna lhe fizera deparar, e não deixou escapar a occasião de copiar a verdade e grandezza do gesto e dicção do artista, cuja morte prematura toda a Italia ainda hoje deplora.

Ao contemplar as glorias de Gustavo Modena, vio elle que não eram phantasmias os sonhos doirados de sua imaginação.

A duvida lançou-se, pois, da sua alma, substituída pelo desejo febril de chegar onde Modena chegara. A arte tornou-se a sua fides fixa, o estudo sua occupação predilecta, e por mais ardor que o trabalho fosse, dava conta delle com tanta satisfação que os próprios companheiros, embora invejosos do lugar distincto que Rossi occupava, o occupar entre elles, viam-se obrigados a dispensar-lhe os encomios a que tinha direito os irresistíveis impulsos da sua vocação.

Afinal, entrando para a companhia de que era Modena o principal ornamento, formou-lhe por este confiado os papeis de Pilades, no *Oreste*, David, no *Saul*, e Nemours, no *Luis XI*. A interpretação de qualquer d'elle foi tal que o publico e a imprensa de Gignova, de Turim, em breve o proclamaram um dos mais intelligentes representantes da arte dramatica.

(Imitação do Italiano.)

(Continua.)
A. DE A.

Noticias e expediente.

A Philharmonica deu a 27 de FEVEREIRO um concerto que mereceu os encomios do immenso auditorio que enchia as salas daquella brilhante sociedade.

No armazem do Sr. Moineau achou-se exposto um retrato do findo violonista Gravenstein.

E' trabalho do Sr. Duarte, discípulo da nossa academia, e o prenuncio certo de um talento vigoroso.

Subio a scena no theatro francez a decantada operetta *Le serpent et le phare*.

Chamé o author do poema, não desmente no theatro, o espirito de que tem sabido até hoje revestir as suas caricaturas.

Delibes, na parte musical, justifica a voga que lhe tem ganhado as suas facetas composições.

Tratando da interpretação não há elogios de sobre para Rosier e Dubois, a quem se deve em parte o grande successo da operetta.

Fomos obsequiados com dous folhetos.

O primeiro intitula-se *Typos politicos* e é devido a penna do Dr. Albino dos Santos Pereira.

No segundo trata-se de estudar as causas do abateamento do exercito. Seu author deu-lhe o nome de *Desgosto e depreciamento das fileiras*.

Agradecemos cordialmente ambas as ofertas.

DA REDACÇÃO.

FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE

O BUSTO

ROMANCEIRO POR EDMOND ABOUT.

CAPITULO II.

(Continuação.)

Victorina, sua tia, o Sr. de Marsal e o marquez de Guéblan tinham assumido instantes antes a porta da sala de armas; se não fosse a súbita appareção dos quatro personagens a discussão teria sem duvida degenerado em briga.

— Não tem que ver! E' o cavalleiro da princeza estalante! pouco Victorina!

Depois que Daniel foi apresentado ao marquez, ella aproximou-se d'elle e lhe segredou ao ouvido:

— Sr. Daniel, prohibo-lhe de expor sua vida.

— Oh! Por fim esta rapariga alcança os nervos! murmurou entre dentes o artista.

IV.

Durante o jantar, o marquez estudava com interesse a physionomia de Daniel; o Sr. de Lédouart tratava-o friamente; o Sr. de Marsal limitou-se com a estranheza com que se encimava a admirar as semelhanças chinezas; a Sen. Michaud olgouso em todos os tons, e Victorina estasiou-se diante d'elle.

Daniel, por seu lado, só cuidou em comer, e cumpriu que foi um gesto.

Depois do jantar, como é natural em um dono de casa que estere ausente durante quinze dias, o Sr. de Guéblan precisou conversar com sua irmã.

Victorina não deixou de susseguir que se trataria della noessa conferencia; por isso nem se quer deixou-se; pegou em um livro e fugiu que lhe Os Srs. Lédouart e Marsal, ligados contra o inimigo comum, puzeram-se a combinar os meios de cortar as vias a Daniel. O artista, porém, descendeu sempre, deixou-se mais relaxado que costumava, e dormiu como uma pedra até pela manhã.

— Minha cara irmã! disse o marquez à Sen. Michaud! satisfiz-teu desejos; aliás um casamento, que não é sem perigo, nem principalmente sem ridículo, consentindo na simultanea presença aqui de dous pretendentes. Tivem voje com expando que a questão não adianta um passo empando nadei mesmo. Eai que pó estile as cousas? Que di minha illa?

— Dir sempre o mesmo; isto é: não prende palavra. Sempre o mesmo silencio! Mas bastará que Victorina tenha um vultuoso de juizo para escolher o Sr. de Marsal. Aínda ha tres dias disse-lhe eu, o não cesso de copiar a quem me quer ouvir; a uma mulher eu, o não cesso de copiar a quem me quer ouvir. Uma Sen. Michaud não deve casar com um homem, mas com um nome! Uma Sen. Michaud não deve casar com um nome, mas com um nome; mas deve, no entanto, pôde andar por toda a parte sem seu marido; mas deve, no entanto, arrastar consigo o seu nome. Em uma sala, ou a quem da vez de dar não indaga-se seu esposo é alto ou baixo, gordo ou magro, feio ou bonito; perguntam somente: é como se chama naquella linda meca que está visitando ali? é o nome! Oh, o nome estapa tudo, toilette, fortuna, belleza; é o maior luxo da vida, por que não está ao alcance de todos.

— Ora, qual! Fabricam-se agora nomes de um dia para outro e...

— Então deve-se desprezar o brilhante, só porque fazem-se joias com pedras falsas? Ha cincoenta annos que te chamam marquez de Guéblan; estás com o paladar estragado?

(Continua.)

AVIDA FLUMINENSE



Corre o boato, desde a chegada do H.^{mo} Sr Bispo, que o Papa desiste de parte das grandes riquezas do Patriarchado de S. Pedro em favor dos infelizes Catholicos de França, tão desquadrados pela guerra. Sua Santidade, não contente com essa pratica da maxima virtude Christã - a Caridade, recomenda a todos os fiéis que, em vez de mandar lhes donativos como costumão, os enviem para a